



DISTANCIAMENTO E ENVOLVIMENTO – UMA OPOSIÇÃO

Ivan Bystrina¹

O carteiro

Na imensa multidão de pessoas que participa hoje na produção e transmissão de informação indireta (não percebida na origem pelos receptores), o carteiro faz parte decerto daqueles que - querendo ou pela necessidade - tem o maior distanciamento da notícia transmitida. Ele não produz a notícia, a maior parte das vezes ele não a conhece, não pratica a censura. Embora ele possa - além da sua função real - se regozijar conosco com a notícia trazida ou ficar triste, na sua classificação funcional, todavia ele mal se distingue de um fio telefônico, o qual também não apresenta, como se sabe, um envolvimento reconhecível. Aqueles que espiam, censuram e manipulam, com "envolvimento" e para ganhar "um dinheirinho", notícias particulares e públicas, estão em outros andares dos prédios dos correios, das rádios, da polícia, das cadeias e similares.

¹ Ivan Bystrina nasceu em 8.10.1924 em Novy Jicin, norte da Moravia, hoje República Tcheca. Estudou Ciências Jurídicas, Filosofia e Ciência Política na Universidade Carolíngia de Praga. Doutorado em Direito em 1949. Livre docência na Universidade de Moscou em Teoria do Estado e do Direito em 1955. Em 1956 fundou o Instituto de Estado e Direito na Academia das Ciências da Tchecoslováquia. Publicou, até 1968, 8 livros e mais de uma centena de artigos. Durante a "Primavera de Praga" fundou o movimento de renovação científica na Liga pelos Direitos Humanos e como diretor de redação do jornal Literární Listy. Depois da invasão russa exilou-se na Alemanha onde exerceu docência nas Universidades de Heidelberg, Mannheim. Bochum e finalmente na Universidade Livre de Berlim, no Instituto de Semiótica e Comunicação, ao lado de Harry Pross e outros investigadores das Ciências da Comunicação. Desenvolveu, durante mais de vinte anos, suas pesquisas no campo de Semiótica da Cultura, para o qual propõe uma teoria independente das semióticas institucionais, de cunho multidisciplinar. Entre outros livros e artigos, publicou em 1989 Semiotik der Kultur (Semiótica da Cultura). Esteve em São Paulo em 1990 e 1995 como professor visitante, convidado pelo CISC/PUCSP, apoiado pelo CNPq, pela Secretaria Municipal da Cultura de São Paulo, pelo Instituto Goethe e pela Folha de São Paulo.





Nós estimamos esse distanciamento do carteiro, porque prezamos o princípio do sigilo postal. E, contudo, o fenômeno do "distanciamento", como também o do "envolvimento", é evidentemente ambivalente.

O carteiro de *Thurn und Taxis*² é somente um - no decurso da hiperbólica divisão do trabalho - um degenerado descendente dos mensageiros de Deus, um descendente de Hermes e dos anjos. Tanto a palavra hebraica "mal'ak" como a grega "angelos" leva ao significado "portador de uma mensagem". Porém anjos eram na tradição judaica (e depois cristã) muito mais do que mensageiros, eram também companheiros e ajudantes, anjos-da-guarda individuais e de povos inteiros, intercessores e defensores dos humanos, mas eram também o inverso, entes vingativos e punitivos, como o anjo da morte.

Hermes acompanhou e protegeu inicialmente pastores e caminhantes nos seus caminhos. Seu nome provavelmente tem como origem a expressão "monte de pedras", sinal de caminho, em cima das quais se colocava uma "herme", um pilar quadrangular com uma cabeça humana e um falo. Mas mesmo depois ele não era simplesmente um mensageiro ágil de Deus semelhante a Prometeu ele demonstrou sempre um interesse ativo no fazer dos humanos, era - como um verdadeiro realizador de truques de descendência titânica - esperto, pérfido, engenhoso, envolvido.

O código cultural leva inicialmente à conexão entre mensagem e ajuda, à ambivalência de distanciamento e envolvimento, até na época da modernidade. Dos numerosos exemplos podem ser mencionados aqui o filme "Teorema" de Pasolini (1986), como também o fragmento do romance "O castelo" de Kafka com a figura do mensageiro Barnabas:

"A carta", começou K., "eu li. Você conhece o conteúdo?" - "Não" (...) "Eu recebi", falou Barnabas, "somente o encargo de entregar a carta, de esperar até ela ser lida, e, se

² Thurn und Taxis é uma família real do Sagrado Império Romano-Germânico que teve sua ascensão econômica devido à fundação de uma empresa de correios com alcance por todo o Império.





parecer necessário para você, levar uma resposta oral ou escrita de volta." - (...) Sem dúvida, ele era somente um mensageiro, não sabia do conteúdo das cartas, as quais tinha que entregar, mas o seu olhar, o seu sorriso, o seu andar pareciam também ser uma mensagem, só que provavelmente ele não percebia isso.

A oposição

Distanciamento e envolvimento formam uma autêntica oposição de contrários (ou polaridades). Semelhante a preto e branco, acima e embaixo, objetivo e não-objetivo etc., eles nunca existem absolutamente, mas sim relativamente, relacionados um com o outro. O máximo de distanciamento significa ao mesmo tempo um mínimo de envolvimento e vice-versa . Agora se encontra entre 'em cima' e 'em baixo' o império do meio, entre o preto e o branco - para o desafio de todo o pessimismo - uma larga zona cinzenta. Dentro dessa zona se movem e se misturam distanciamento e envolvimento, e basicamente o que vale é: quanto melhor nós conseguirmos manter distância de uma mensagem (na produção, transmissão ou recepção dela), menos falará nosso (possível) envolvimento. Queremos interpretar distanciamento como "não- envolvimento" e envolvimento como "falta da distanciamento", deste modo elas se excluem de forma recíproca em um círculo fechado de uma lógica de dois lados (como um construto "absoluto", ideal). Do ponto de vista da psicologia os dois se implicam de forma recíproca, pois nós não podemos colocar um pólo sem o outro. O claro exclui o escuro, mas ao mesmo tempo um implica o outro.

Nem distanciamento nem envolvimento estão somente associados com processos de mensagens. Eles são classificados também como atitudes (disposições psíquicas) e "modos de comportamento de uso", os quais não são nenhuma ação súnica intencional. "Distância" significa simplesmente afastamento (lonjura) e o comportamento de distanciamento é a conservação de um afastamento entre seres vivos (distância de fuga ou defesa). A palavra polivalente "envolvimento", cujo significado - no sentido que nos





interessa - é difícil precisar, será usada aqui também para processos não-sígnicos ("empenho pessoal por vinculação", "sentimento de estar comprometido", "o interesse e a obrigação íntima de agir em uma situação de um modo determinado") mas também para processos (como "assumir uma posição" etc.). Todavia nos ateremos a seguir principalmente à problemática dos processos sígnicos e textuais.

Verdade, Mentira, Objetividade

No paradigma do código cultural estão em oposições muito próximas uma da outra o distanciamento/envolvimento, as oposições verdade/falsidade, objetividade/não-objetividade, sinceridade (aspirar a verdade) /mentira (não-verdade intencional).

O modo de falar ouvido muitas vezes "Mas, isso não pode ser verdade!" como expressão de espanto contém tanto uma dúvida na objetividade do perceber, distinguir, pensar e agir, como também duvida do objeto desse perceber, distinguir e pensar, o qual chamamos usualmente de objeto . (PROSS 1982,38).

Aqui a linguagem coloquial mistura evidentemente a pergunta sobre a realidade - do objeto da percepção e de seu tratamento, da observação e do experimento (real é para nós somente o que atua sobre nós, seja o ambiente ou nós mesmos), sobre a relação entre objeto e a nossa informação dele, - com a pergunta sobre a verdade de uma afirmação, de um texto, de uma notícia.

A linguagem coloquial dificilmente aceita receber alguma ordem. A graça especial dela está na descontração e na brilhante ambigüidade. Para uma análise sistemática como linguagem-objeto ela é inútil. Aí se diferencia entre realidade/irrealidade de um objeto, entre concordância/discordância e entre verdade/falsidade de uma notícia ou mensagem acolhida.

Entre as várias teorias e definições de verdade, a definição "semântica" de TARSKI, segundo a minha opinião, é a única útil. Entre as piores está a teoria pragmática do consenso (HABERMAS), pois nenhum consenso nos oferece uma garantia para a verdade





(*warranted assertibility*) em uma situação de falar real, e uma situação de falar ideal é um construto parecido com a verdade absoluta ou objetividade absoluta (ideal). Assevera-se se uma afirmação é verdadeira exatamente a partir do ponto que diz respeito à "qualquer momento e por toda a parte, se nós entramos somente num diálogo", "pode ser alcançado" um consenso universal (como já sempre "justificado") (HABERMAS 1973,239f), assim se perde tanto a verdade como os critérios da verdade. Uma verdade assim não é desse mundo, e um consenso real, o qual será exclamado como critério de verdade ou até como "a sentença da verdade", pode levar até às piores conseqüências na prática (especialmente política). O deslocamento do termo de verdade da dimensão semântica para a pragmática extermina a verdade.

A verdade é uma característica, um "valor de verdade" (verdadeiro/falso segundo a lógica de dois valores) de afirmações (não se pode falar da "verdade" de uma pergunta, de uma ordem, de uma regra ou norma no sentido rigoroso da palavra), de notícias, de textos (desde que contenha afirmações neles). Ela é estabelecida no eixo semântico, o qual passa entre o signo e o significado.

A teoria de TARSKI é uma "reabilitação e um precisamento" (POPPER 1972,351) da teoria de correspondência clássica (aristotélica) da verdade como concordância entre a afirmação e o fato asseverado por ela (todos os *Termini*, como "afirmação", "fato", "concordância" que aparecem aqui evidentemente tem que ser definidos e o caráter gradual e relativo da correspondência tem que ser verificado). A fórmula de Tarski (que está baseada na sua definição de verdade) ficou famosa e diz:

"está nevando", é somente uma afirmação verdadeira quando neva!" (TARSKI 1935,268).

Tais afirmações de observação singulares - como "está nevando (aqui e agora)" - são a maior parte das frases verdadeiras/falsas tanto na vida do dia-a-dia como também em relatos dos *media*. A sua revisão interpessoal é - na existência de todas as condições



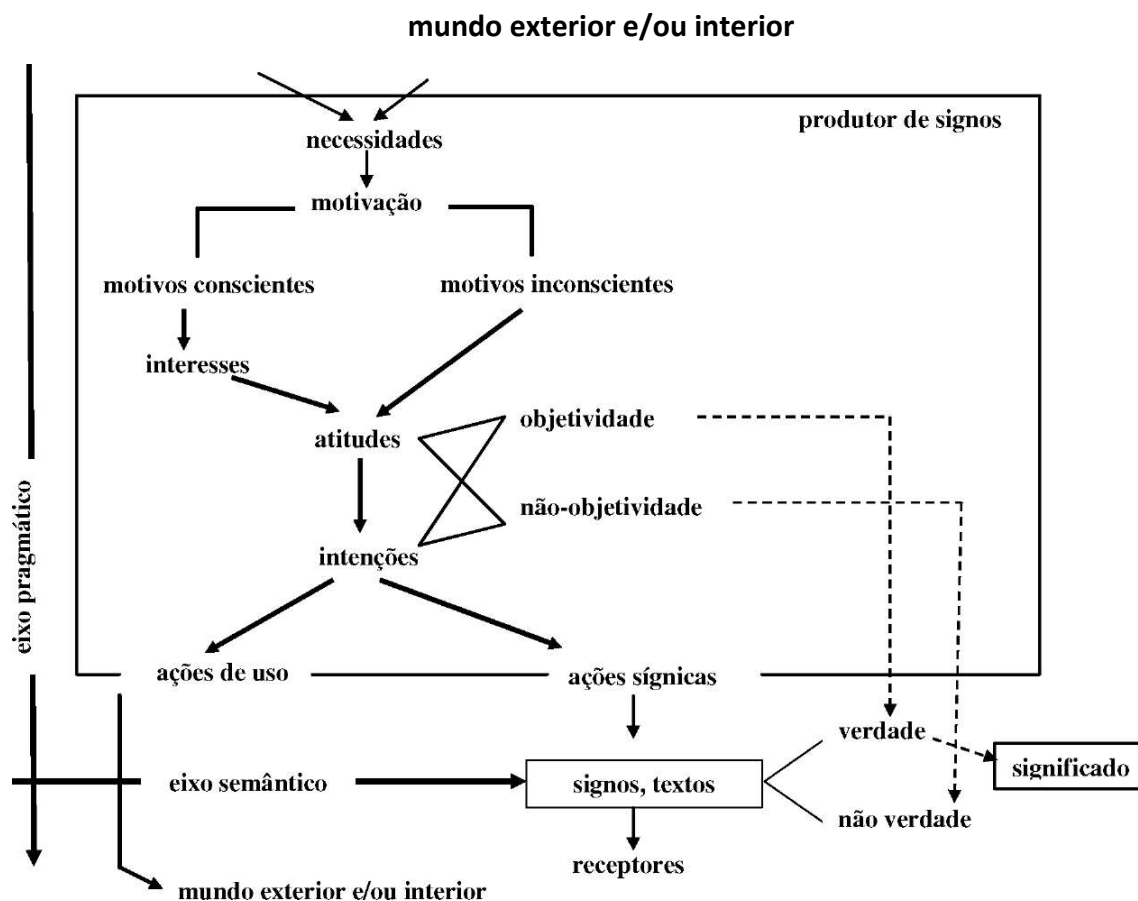


suficientes - basicamente possível. "Se simplesmente confere, se o fato descrito por B (afirmação de observação) existe" (LENZEN 1980,661). O fato de que nem todas as afirmações podem ser verificadas ou, o inverso, falsificadas não muda nada no caráter semântico principal da verdade.

A semântica é a dimensão central de cada semiose e de cada texto: não há signo sem referência a um significado. Em torno da oposição verdade/falsidade (não-verdade) semântica se agrupam outras oposições pragmáticas supracitadas. Nem toda afirmação falsa, não-verdadeira, é *eo ipso* mentira (pode se tratar, por exemplo, de um engano). Uma mentira é intencionalmente não-verdadeira (aqui não caberida o engano). Também a objetividade ou a não-objetividade fazem parte da dimensão pragmática da semiose – como falar a intenção (consciente ou inconsciente), verdade ou não-verdade e a capacidade ou incapacidade de realizar essas intencões em ações sígnicas ou textuais (cf. BYSTRINA, 1982). A intenção de um repórter (e o redigir de uma notícia) passa ao longo do eixo pragmático (produtor de sinais – texto – receptor) e é relativamente independente da semântica (juntamente com as questões da verdade).

Essa problemática complexa pode ser representada – simplificada – de modo seguinte:





Também distância e empenho fazem parte da área da intenção pragmática de um emissor de mensagens. Realizados em um texto, eles marcam também a construção sintático-semântica deste, de modo que nós podemos deduzir com certa probabilidade o envolvimento ou o modo do distanciamento do autor, com base na estrutura do texto. Contudo "o engano a qualquer hora é possível" (PROSS 1982,39). Por trás de uma distância texto-superficial pode se esconder um empenho de verdade, por trás de um empenho fingido pode se esconder uma indiferença total, o que por outro lado certifica que não os textos em si, mas sim os seus autores são envolvidos ou distanciados. Muitas vezes serão usados para fins de envolvimento meios de distanciamento (humor, ironia,





depreciação, escárnio, *litotes*³). Se nós falamos de um texto "envolvido" ou "distanciado", nós usamos um modo de falar não-verdadeiro (metonímico) (semelhantemente à "objetividade" do texto), pois o produto está representando aqui o produtor, o resultado de uma intenção está para a intenção mesma.

Nem distância nem empenho do correspondente garantem a verdade da notícia ou a objetividade do autor. Pelos meios de distanciamento pode um autor tentar esconder a sua não- objetividade, opinião preconcebida, seus preconceitos, enquanto um autor empenhado pode aspirar à objetividade máxima. "Estatisticamente" se pode constatar muito bem que a distância tende na maioria das vezes mais para objetividade e o empenho (especialmente um empenho "cego") mais para não-objetividade. O último parece ser uma fraqueza humana comum, o qual provavelmente tem a ver com a habilidade da adaptação e o princípio de sobrevivência: afinal, a não-objetividade não é um meio muito adequado para o alcance constante de objetivos intencionados.

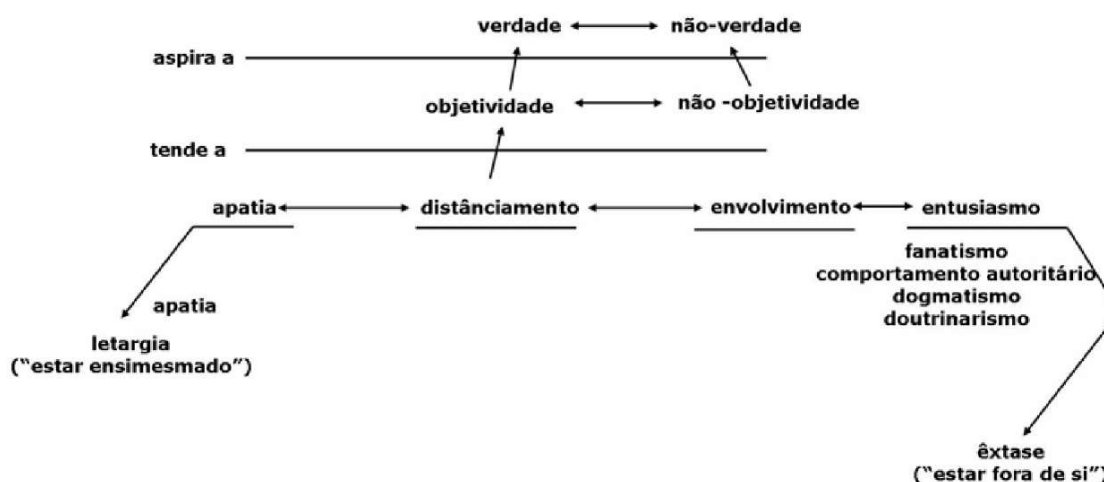
Entre indiferença e entusiasmo

O preconceito pode surgir da mesma avaliação do duvidado com aquele que não tem dúvida, a qual nós chamamos indiferença. Ele pode expressar a sobre-avaliação entusiasta de afirmações precedentes.

Entusiasmo e indiferença são na interpretação de dentro para fora possíveis, como com a observação de instâncias exteriores. (...) Indiferença se satisfaz com o "conhecimento sobre". (...) É certo que a indiferença admite comunicação mental, mas ela "não se sente referida" (PROSS 1970,85f)

³ Litotes: figura de retórica, afirma algo pelo seu contrário, usando ironicamente a negação de uma negação. (N.T)





Agora nós podemos integrar distanciamento e envolvimento em um amplo paradigma de oposições:

A classificação em uma série paradigmática de oposições do código cultural entre os pólos letargia/êxtase indica os começos da cultura humana, as quais ultrapassam o nível simples da produção de ferramentas e de construções. Além do sonho e da ilusão, havia com certeza o êxtase, o qual estava no começo do pensamento mágico-mítico - e com isso da cultura. Sonhos, visões, extáticos, para-extáticos e estado de transe tinham um papel importante em todas as tradições primordiais, especialmente no xamanismo, cujas pistas nós podemos seguir provavelmente até os primórdios da Idade da Pedra. Condições extáticas estão ligadas a fenômenos culturais muito antigos: com dança, música, com o rufar de um tambor rítmico, com barulho significante, com canto, entre outros. Além disso, o xamã (como também os psicoterapeutas modernos) passa por crises psicopáticas: ele está doente, mas "um doente que se curou a si mesmo" (ELIADE 1951,37). Ao que parece, reconheceram os homens, através de sonhos e vivências extáticas, o que foi chamado depois "alma" e "espírito" - o duplo do corpo natural, o verdadeiro criador da cultura (cf. ELIADE 1976,42)





A ambivalência e o medo

Os pares opostos distanciamento/envolvimento, indiferença/entusiasmo são - como todas as operações do código cultural - desde o princípio ambivalentes. Nós reconhecemos neles um "momento idêntico", e em situações extremas eles podem ter as mesmas

consequências devastadoras. Tanto a apatia como também o fanatismo conduzem afinal ao massacre: *les extrêmes se touchent*. A ambivalência circular pode ser ilustrada a seguir (veja fig.).



O momento idêntico de indiferença e entusiasmo, que ficou visível na concretização de uma autodeterminação, remete para a dimensão psicologicamente profunda do "medo" (PROSS 1970,88).

Ele remete para a situação primordial de uma perda da proteção de uma floresta tropical, remete para o erguer-se para o andar bípede, para a conquista da verticalidade com os riscos de ver o horizonte expandido da savana, com a totalidade das direções de





onde "eles podem se aproximar" (cf. BLUMENBERG 1979). Além das regiões de proximidade e de acessibilidade aumentam também as regiões do distante, do desconhecido, do misterioso, da desconfiança, do medonho, do ameaçador. Somente com a "fixação no ausente atrás do horizonte" se desenvolveu o medo - como "pura competência da prevenção indefinida" - transformando-se em um dominante existencial.

Ambos os pólos extremos do comportamento do medo, do pânico e do estarecimento são subumanos: encontramos o estarecimento em seres individuais, o pânico em seres sociais, na matilha como a "forma de agitação comum", ela é a "decadência da multidão" (CANETTI 1960). O estarecimento corresponde à letargia e a catatonia (em algumas formas à esquizofrenia), o "medo-pânico" acaba tanto na ação dos fanáticos e terroristas como também no espanto das suas vítimas. Apatia e entusiasmo são formas "cultivadas" desses dois pólos do comportamento do medo, os quais devem soltar e superar a tensão insuportável seja pela passividade extrema ou pela atividade extrema.

Como outrora na Idade Média tardia, um fantasma ronda a Europa (e não somente a Europa) - o medo, o medo da vida e da morte. Homens e mulheres bem alimentados, fortes e muito jovens circulam e anunciam: "Nós temos medo!", "*No future*". Afinal o lema macabro "Covardes de todo o mundo, uni-vos" será aclamado ("Artistas pela paz" em Bochum, setembro 1982) . Algumas pessoas caem na letargia, outras são tomadas pelo pânico. Pelo distanciamento e pelo envolvimento, a letargia, a que alguns sucumbem, e o pânico que assola a outros, podem ser parcialmente desativados e sublimados.

O alicate da ambivalência se fecha: os apáticos possibilitam o fanatismo, os entusiastas produzem a indiferença, aqueles que anseiam por autoridade, tornam-se eles mesmos autoritários.

O profissional da comunicação (Publizist) autoritário é ao mesmo tempo o comunicador necessitado de autoridade, aquele que não pode se decidir por





posicionamentos próprios e reproduz indiferentemente ou entusiasticamente posicionamentos previamente existentes. O comunicador reproduz o medo... (PROSS 1970,89).

Para que a verdade?

O grande espetáculo de imprensa, rádio e televisão celebrado diariamente nos 150 países do mundo tem alguma coisa a ver com a suposição de que seria mais útil imaginar o verdadeiro do que o falso. (PROSS 1982,38).

Útil é evidentemente tudo o que é apropriado para certa finalidade, utilizável para alcançar uma meta pretendida (quer dizer, provavelmente para a satisfação de uma necessidade) . O proveito (a vantagem) seria aquilo que traz uma coisa útil para o beneficiado ou também a utilidade como qualidade dessa coisa. A vida é a habilidade que possuem sistemas complexos e instáveis de se manter e ainda se multiplicar - através do uso da matéria e da energia do ambiente (metabolismo) com ajuda da auto-regulação e do processamento de informações. Somente assim alguma coisa se torna algo vivo. A biosfera terrestre está baseada no princípio da conservação ou da sobrevivência. Isso é afinal a medida original e ao mesmo tempo básica das avaliações e decisões que a natureza (a evolução) gravou também no sistema dos "humanos vivos".

Agora C.D. DARLINGTON absolutamente não está correto quando afirma que o "princípio animal do proveito próprio individual" - mesmo que "esclarecido" ou "ampliado" - "é o único motivo para que se possa confiar infalivelmente nos atos das questões humanas" (DARLINGTON 1980,368). Com razão Harry Pross revida contra Darlington que o seu princípio do proveito próprio individual "não conduz de maneira alguma todas as ações e muito menos o perceber e o conhecer que constituem o sujeito no seu ambiente." (PROSS 1982,39).

O princípio da conservação e da multiplicação não inclui somente a conservação do indivíduo, mas também do grupo, da sociedade, da espécie, da vida pura e simplesmente.





Ele se desenvolveu nesta complexidade e assim ele determina, por fim, também a estrutura básica complexa, multifacetada e contraditória da motivação. Uma vez que a consciência e o inconsciente, o pensar e o atuar são somente realizados por e nos indivíduos, mesmo se os indivíduos vivam em um grupo e em uma sociedade (não há processos psíquicos "coletivos"), porque o homem é guiado por estruturas de motivações contraditórias e complexas e - normalmente - ele tem ao mesmo tempo vários objetivos (inconscientes), surgem colisões na sua psique, as quais (já por causa do princípio da conservação) ele tenta solucionar. Provavelmente as mais importantes entre elas são os conflitos entre a conservação (do bem-estar, da sorte etc.) do indivíduo e a conservação do coletivo.

"... o membro de uma horda paleolítica tinha que esquecer tudo, todos os interesses, todas as predileções, todos os conteúdos da vida, perder todas as considerações e inibições para poder se empenhar completamente em defesa da sociedade" (LORENZ 1967.296).

Pela atuação do princípio do prazer, descoberto por FREUD (e antes dele por FECHNER), como regulador dos acontecimentos psíquicos (portanto, com base na oposição vontade/falta de vontade que se efetiva por meio da recompensa e da punição), não se pode somente sentir o "proveito próprio individual", mas também se pode perceber o proveito dos outros (do grupo da sociedade - mesmo se ele "não for justificável para todos igualmente";

PROSS 1982,38) intensivamente, como se fosse o proveito próprio e se manter o controle numa colisão motivacional. O altruísmo será realizado através do meio (Medium) do egoísmo.

Uma vez que é necessária - para a sobrevivência, para a adaptação, para a multiplicação - a informação do mundo, como ele é de "verdade" (como ela age sobre os seres vivos e como se pode agir sobre ela), se desenvolveu na história das tribos a pulsão





do conhecimento, a aspiração pelo conhecimento da realidade, o anseio pela máxima coincidência possível entre a informação recebida e seu objeto. Nos processos sógnicos, na comunicação inter-organismos, surge a necessidade da verdade, o aspirar à verdade, a qual em todas culturas não-pervvertidas é considerada fundamentalmente positiva (também mentira e engano tem que ser vendidos em grande escala como verdade).

Não há dúvida de que a verdade para o destinatário ou para grupos inteiros de destinatários é geralmente mais útil do que a não-verdade e a mentira, e que ela é nesse sentido uma "necessidade evolutiva". Tais destinatários e grupos inteiros que se enganem ou se deixem enganar perecerão. Por outro lado até os animais e tanto mais os homens tentam, como emissores, alcançar e impor por meio da não-verdade o seu próprio proveito ou o egoísmo grupal (às vezes também os objetivos altruístas). Mentir e enganar se torna assim prazeroso. A artimanha tem um papel extraordinário nas mitologias mais antigas e mais elementares, e a sua avaliação ética divergia da nossa canonizada (atual). A artimanha se torna até a marca do grande mensageiro da cultura (semi-) divino.

A verdade (como também a não-verdade) é ambivalente como todas as oposições culturais. A mentira (*white lie*) pode ser em certos casos uma forma de preservação do bem-estar e até da vida dos enganados, a verdade pode ter um efeito fatal. Além disso, muitas vezes as pessoas não querem somente vivenciar a verdade, mas também acreditar nela, apreciar o recebido por verdadeiro, mesmo se elas pudessem se convencer sem grande esforço que se trata de não-verdade. A consciência falsa, ideológica, surge dessas pessoas que "acham ter a posse da verdade" (PROSS 1982,40). Mas também elas são convencidas que é mais útil para elas mesmas imaginar o verdadeiro (considerado por verdadeiro) do que o falso (o que é verdadeiro de verdade).

Última palavra

O indivíduo, o "sujeito humano", oscila "entre identificação e privação de outros sujeitos" (PROSS 1981,143). A oposição identificação/privação parece ser a oposição





básica da vida prática social (juntamente com suas variantes no código cultural: dentro/fora, entrar/sair, perto/longe, próprio/alheio, amigo/inimigo, paz/guerra etc.). Ao mesmo tempo é a privação (lat. *privatio*: "despojamento") uma negação, a qual retira do sujeito sua essência (um "nada", um "mal"), afinal é uma alienação (social) (o fazer alheio e/ou tornar alheio) - uma forma extrema do envolvimento (para a causa dos outros). Nós diferenciamos muito bem entre o envolvimento de uma personalidade e o envolvimento - na verdade extorquido - de uma pessoa (um papel, uma máscara), a qual se identifica com uma instituição (com um partido, uma igreja etc.), com uma doutrina, uma ideologia. Nós sabemos que a última foi submetida a uma doutrinação (geralmente morosa) e que essa doutrinação é mais efetiva do que uma manipulação direta das mentiras. O manipulado somente se engana, o doutrinado começa a acreditar.

Contudo desprezamos tanto a frieza da distância como também a invasividade de um insistente engajamento. Não há meio-termo. Resta a ambivalência da oposição.

Bibliografia

BLUMENBERG, Hans (1979) *Arbeit am Mythos*. Frankfurt a.M.: Suhrkamp. BYSTRINA, Ivan (1982) *Objektivität und Parteilichkeit*. In: Bentele/Ruoff (eds.) (1982) *Wie objektiv sind unsere Medien?* Frankfurt a.M.: Fischer.

CANETTI, Elias (1960) *Masse und Macht*. Düsseldorf: Claasen. Trad. Bras. *Massa e poder*. S. Paulo: Brasiliense.

DARLINGTON, Cyril, Dean (1980) *Die Wiederentdeckung der Ungleichheit*. Frankfurt a. M.: Umschau.

ELIADE, Mircea (1951) *Le chamanisme et les techniques arcaïques de l'extase*. Paris: Payot

ELIADE, Mircea (1976) *Histoire des croyances et des idées religieuses*. Paris: Payot.

HABERMAS, Jürgen (1973) "Wahrheitstheorien". In: *Wirklichkeit und Reflexion*. W. Schulz zum 60. Geburtstag. Pfullingen: Neske.





LENZEN, Wolfgang (1980) "Überprüfung" in Speck, Josef (1980) Handbuch wissenschaftstheoretischer Begriffe. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht. LORENZ, Konrad (1967) Die instinktiven Grundlagen menschlicher Kultur. In: Naturwissenschaft 54 (15/16).

POPPER, Karl (1972) Objective Knowledge. Oxford: Clarendon.

PROSS, Harry (1970) Publizistik. Thesen zu einem Grundcolloquium. Neuwied/Berlin: Luchterhand.

PROSS, Harry (1981) Zwänge. Essays über symbolische Gewalt. Berlin: Kramer. [Trad. Espanhola:

(1989) *La violencia de los símbolos sociales*. Barcelona: Anthropos]. PROSS, Harry (1982) Die Objektivität der Berichterstattung in Presse und Rundfunk. In: Bentele/Ruoff (eds.)(1982) Wie objektiv sind unsere Medien? Frankfurt a.M.: Fischer. TARSKI, Alfred (1935) Der Wahrheitsbegriff in den formalisierten Sprachen. In: Studia Philosophica, vol. I, 1936. Leopoldi.

